



## O Folhetim no século XX em jornais paulistanos<sup>1</sup>

Mônica Rodrigues Nunes  
Universidade Federal de Uberlândia, MG<sup>2</sup>

### Resumo

Este trabalho tem por objeto central romances-folhetins publicados em jornais paulistanos de grande circulação e prestígio no período entre 1920 e 1964. Trata-se de uma pesquisa que buscou localizar, identificar e caracterizar romances-folhetins – literatura seriada – inseridos nos jornais: *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário Popular*, *A Gazeta*, *Folha da Noite*, *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde*, *Diário de S. Paulo* e *Última Hora*.

**Palavras-chave:** jornais paulistanos; folhetins; livro; mercado editorail.

### Introdução<sup>3</sup>

A década de 1920 marca um momento significativo na história da imprensa brasileira: mais um passo na transição de uma imprensa artesanal para uma imprensa industrial<sup>4</sup>. Nesta época, os jornais tornaram-se empresas estruturadas em moldes capitalistas; os diários passaram ainda mais, a serem produtos feitos para gerar lucro.

A transição para uma imprensa industrial começou a desenhar-se nas últimas décadas no século XIX. “As inovações técnicas na imprensa prosseguirão em 1895, já os jornais definindo-se com estrutura empresarial: aquelas inovações e esta estrutura estão intimamente ligados” (SODRÉ, 1999, p. 267). A partir daí, verificou-se a passagem da pequena à grande imprensa.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Adjunto I do curso de Comunicação Social: Jornalismo. Jornalista, mestre e doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de S. Paulo. E-mail: monica@faced.ufu.br

<sup>3</sup> Algumas partes do presente artigo foram extraídas da tese “Paulicéia literária: páginas e suplementos literários em jornais paulistanos (1920-1964)”, defendida em 2007, na Universidade Metodista de S. Paulo, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sandra Reimão.

<sup>4</sup> Segundo Nelson Werneck Sodré, no caso da imprensa brasileira “verifica-se, pela visão de conjunto, que a única repartição acorde com a realidade seria em imprensa artesanal e imprensa industrial” (Sodré, 1999, p. 6).



A tônica do conteúdo nesta nova fase da imprensa – grande e estrutura em moldes capitalistas – passou a ser o fato político<sup>5</sup>. Os jornais passaram a dar mais destaque para a matéria informativa (mas a linguagem utilizada ainda não era a jornalística, tal como a conhecemos na atualidade<sup>6</sup>). Os literatos, neste período, maior parte dos redatores de jornais, tiveram que se adaptar a esta nova forma de fazer jornal; a um novo tipo de escrita, que a imprensa diária começava a exigir.

No período anterior à fase industrial da imprensa brasileira, quando a maior parte do conteúdo dos periódicos era composta por matéria literária, os jornais buscavam incluir no seu corpo de redatores e colaboradores nomes respeitados da literatura. Juntamente com estabelecimentos comerciais (casas editoras e confeitarias), a redação de alguns jornais era ponto de encontro de escritores.

Sem casas editoras, e um público ainda pouco afeito à leitura (lembramos que as taxas de analfabetismo se faziam presentes em alto grau), aos homens de letras restava-lhes o jornal para conseguir notoriedade, e também, como ressaltou Sodré (1999), “um pouco de dinheiro, se possível” (p.292). “Os homens de letras viviam praticamente da imprensa: ela é que lhes permitia a divulgação de seus trabalhos e o contato com o público” (p. 246).

A transição para uma empresa jornalística baseada em moldes capitalistas fez com que o espaço dedicado às colaborações literárias, nos jornais diários, fosse drasticamente reduzido. Neles, a matéria literária passou a ser algo à parte. Estas começaram a aparecer nas seções de crítica, publicadas no rodapé, nos habituais folhetins, nas páginas literárias e nos suplementos literários, de periodicidade semanal, lançados, mais frequentemente, nesta nova fase do periodismo brasileiro.

Nas primeiras décadas do século XX, os folhetins eram a principal manifestação da literatura no cotidiano dos diários paulistanos. As páginas literárias e os suplementos literários eram, nesta nova fase da imprensa brasileira, os locais, no jornal, onde escritores poderiam publicar trabalhos de criação literária (poesias, contos, romances, ensaios, entre outros)

---

<sup>5</sup> Nesta nova fase os jornais procuram desvincular-se de partidos políticos, definindo-se como publicações autônomas e apartidárias. Desta forma, o que interessava era o assunto político e não propriamente a política.

<sup>6</sup> A transição efetiva de uma imprensa de jornalismo de opinião (de influência francesa) para uma imprensa que privilegia a informação, se deu de fato no Brasil, na década de 1950, quando alguns jornais passaram a adotar o modelo norte-americano de jornalismo, com a utilização de técnicas redacionais como o lead (o que, quem, quando, onde, como e por que) e a pirâmide invertida para a construção da matéria; técnicas estas que objetivam separar a opinião da informação, buscando construir textos com neutralidade e objetividade.



Tomemos nota também que, durante o século XIX e parte do século XX, era inviável a publicação de livros no Brasil. A maior parte dos livros era editada em países europeus como Portugal, França e Alemanha. De acordo com Fernando Paixão, foi durante a década de 1910, que as primeiras iniciativas foram tomadas para o fortalecimento e crescimento do mercado editorial no Brasil.

com as dificuldades de importação, decorrentes do aprofundamento dos conflitos da Primeira Guerra Mundial, as indústrias locais se fortaleceram, levando São Paulo, entre 1914 e 1920, ao extraordinário crescimento de 25% ao ano. O setor editorial também se expandiu [...]. A cidade de São Paulo vivia um momento favorável e Lobato o aproveitou para montar a primeira empresa com equipamentos adequados à produção de livros. Não exagerou Nelson Palma Travassos quando procurou defini-lo: 'D. João VI criou a Imprensa Nacional. Monteiro Lobato criou o livro no Brasil. O mais foi Idade Média' (1995, p.46-7).

Foram muitos os escritores, que primeiramente, publicaram suas obras nas páginas dos jornais. E isto, não apenas no século XIX, esta também foi uma prática muito utilizada por escritores e por intelectuais das universidades que publicaram seus trabalhos na imprensa paulistana, no período entre 1920 e 1964. Das páginas dos jornais e suplementos literários, muitos livros foram feitos. Ensaios, artigos, crônicas, romances-folhetins, capítulos de livros, contos, poemas, entre outros, depois de serem amplamente divulgados nas páginas da imprensa periódica, foram, posteriormente, reunidos em livros.

Alguns autores ganharam grande notoriedade com a publicação de trabalhos literários e de folhetins nas páginas da imprensa periódica. Por outra parte, a literatura, através dos romances-folhetins, foi um recurso usado por jornais, revistas e outras publicações dos séculos XIX e XX para ganhar público leitor e, conseqüentemente, aumentar o lucro obtido com a venda de exemplares.

O grande sucesso obtido com a publicação de romances-folhetins junto ao público devia-se à técnica narrativa deste gênero literário onde “cada capítulo cria uma situação dramática que prende o leitor à história” (ARNT, 2001, p. 106).



## Folhetins

Prática bastante comum no início do século XIX na imprensa brasileira, a inserção de romances-folhetins em jornais diários, estendeu-se pelo século XX. Muitos jornais paulistanos desde a sua fundação também o fizeram. *O Estado de S. Paulo* (com o antigo título *A Província de São Paulo*) em seu número inaugural, em quatro de janeiro de 1875, publicou na capa (no rodapé da página) o primeiro capítulo do folhetim *Magdalena* de Julio Sandeau, com a habitual palavra ao final do capítulo: “continua”. E assim, leitores dos mais diversos jornais podiam desfrutar diariamente de literatura, com a publicação de romances-folhetins.

A ideia de inserir romances em fatias seriadas no conteúdo diários dos jornais iniciou-se na imprensa francesa. Com o objetivo de conquistar novos leitores, Émile Girardin, ao lançar o jornal *La Presse*, em 1º de julho de 1836, passou a publicar no espaço do folhetim seções de variedades (crônicas, receitas, piadas, charadas etc.) e também partes de capítulos de romances.

Neste sentido, a palavra folhetim, quando começou a ser utilizada, designava um espaço específico na paginação de um jornal, não apenas um gênero literário, que tempos depois passou a significar. Segundo Marlyse Meyer,

de início, ou seja, começos do século XIX, *le feuilleton* designa um lugar preciso do jornal: o *rez-de-chaussée* – o rés-do-chão, rodapé – geralmente o da primeira página. Tinha uma finalidade precisa: era um espaço vazio destinado ao entretenimento [...]. Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita (1996, p. 57-8).

E de acordo com a mesma autora, com o sucesso obtido com a publicação do folhetim – especificamente os romances publicados em fatias seriadas – inaugurava-se um novo gênero literário:

adaptado às novas condições de corte, suspense, com as necessárias redundâncias para reativar memórias ou esclarecer o leitor que pegou o bonde andando [...]. Brotou assim, de puras necessidades jornalísticas, uma nova forma de ficção, um gênero novo de romance: o indigitado, nefando, perigoso, muito amado, indispensável folhetim ‘folhetinesco’ de Eugène Sue, Alexandre Dumas pai, Soulié, Paul Féval, Ponsul du Terrail, Montépin etc.etc. (MEYER, 1996, p. 59).



Os jornais brasileiros, que na época (início do século XIX), contavam com poucas décadas de existência, repetindo o modelo utilizado na França, buscando conquistar um número cada vez maior de leitores aderiram o hábito de publicar romances-folhetins em suas edições (muitos traduzidos do francês e alguns de autores brasileiros). E como explica Tinhorão, a parcela de público que se buscava era, sobretudo, o feminino, “pois o tom da imprensa diária tinha sido, até então, o do comentário e doutrinação política, o que evidentemente só interessava a homens das áreas do governo, do capital, do comércio e da elite intelectual dos profissionais liberais” (1994, p. 13). Para este autor o folhetim também influenciou na técnica dos primeiros romancistas brasileiros:

Ora, como no Brasil o comércio de livros ainda era extremamente reduzido nas décadas de 1830 e 1840, seria essa linha mais novelesca do romantismo, representada pelas histórias parceladas em folhetins, que iria influir de saída não apenas na formação do gosto dos leitores, mas na própria técnica das primeiras gerações de romancistas brasileiros. (TINHORÃO, 1994, p. 20)

A publicação de romances-folhetins na imprensa brasileira coincide com o momento em que, de acordo com Sodré, começou a existir público, e ainda bastante limitado, para a literatura (metade do século XIX):

O grande público iria sendo lentamente conquistado para a literatura principalmente pelo folhetim [...]. O folhetim era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer, e por isso o mais procurado. Ler o folhetim chegou a ser um hábito familiar, nos serões das províncias e mesmo da Corte, reunidos todos os da casa, permitida a presença das mulheres. A leitura em voz alta atingia os analfabetos, que eram a maioria (1999, p.243).

A maioria dos folhetins eram romances escritos especificamente para serem publicados em jornais e revistas e, em razão das altas taxas de analfabetismo do público, eles “exerciam uma forte influência da linguagem oral, porque eram feitos, também, para serem lidos” (ARNT, 2001, p. 103).

O hábito de publicar romances-folhetins na imprensa brasileira, como já dito, permaneceu em parte do século XX. Nas décadas de 1920 a 1960, alguns jornais paulistanos, seguiram ou iniciaram a prática de inserir fatias de romances seriados em



suas edições. A periodicidade de publicação de capítulos era, em sua maioria, diária, mas também podia ser mensal ou semanal.

### **O folhetim nos jornais paulistanos**

O objetivo de listar os romances-folhetins publicados na imprensa paulistana deu-se após a leitura de duas obras de referência sobre o tema – “Folhetim” de Marlyse Meyer, editada em 1996 e “Os romances em folhetins no Brasil (1830 à atualidade)” de José Ramos Tinhorão, de 1994 – onde percebemos que não foram recenseados todos os títulos de folhetins publicados no século XX em jornais de São Paulo.

O livro de Meyer, em um de seus capítulos – sob o título “O folhetim em jornais paulistas” – listou alguns romances-folhetins publicados apenas no início da década de 1920. Já a livro de Tinhorão, uma das obras mais completas a que temos disponível em nossa literatura, não recenseou traduções de originais europeus publicados em jornais brasileiros. O levantamento realizado por este autor foi uma tentativa de listar apenas a produção ficcional brasileira publicada em jornais nacionais, entre 1830 e 1994.

O encerramento do período de análise em 1964 deve-se a dois motivos distintos: a indicação em artigos e livros sobre o tema que apontam a descontinuidade de publicação de folhetins na imprensa brasileira em meados do século XX, e também, em razão do Golpe Militar ocorrido em 31 de março deste ano, impondo rigorosa censura aos meios de comunicação de massa.

Para a realização do presente artigo, buscou-se localizar e identificar romances-folhetins publicados em nove jornais de grande circulação e prestígio da imprensa paulistana<sup>7</sup>: *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *Diário Popular*, *A Gazeta*, *Folha da Noite*, *Folha da Manhã*, *Folha da Tarde*, *Diário de S. Paulo* e *Última Hora*.

Deve-se ressaltar que o levantamento aqui apresentado pode conter falhas, visto que a consulta aos jornais restringiu-se a um trimestre por ano de cada veículo estudado. Em casos específicos, como dos jornais *A Gazeta* e *Última Hora*, edições de alguns anos não estavam disponíveis para consulta.

O levantamento dos folhetins permitiu verificar não apenas os títulos dos romances, mas também, seus respectivos autores, nomes de tradutores<sup>8</sup>, periodicidade e o período em que foram publicados, conforme tabela abaixo.

---

<sup>7</sup> Os nomes dos tradutores costumavam vir junto do nome do autor do folhetim.

<sup>8</sup> Os jornais analisados encontram-se nos acervos do *Arquivo do Estado de São Paulo*, *Biblioteca Mário de Andrade*, *Biblioteca Presidente Kennedy*, localizados na capital paulista.



Ano (s) de publicação	Nome do Jornal	Título, autor do folhetim e tradutor	Periodicidade
1920	<i>Correio Paulistano</i>	O regimento 145, Jules Mary	diária
1921-24	<i>Correio Paulistano</i>	Rocambole (vários volumes), Visconde Ponson Du Terrail (tradução Alfredo Sarniento).	diária
1925-28	<i>Correio Paulistano</i>	Memórias de um médico, Alexandre Dumas (tradução José Balsamo).	diária
1929	<i>Correio Paulistano</i>	Os mohicanos de Paris, Alexandre Dumas.	diária
1930	<i>Correio Paulistano</i>	A mocidade do Rei Henrique, Ponson Du Terrail (tradução Alfredo Sarniento).	diária
1934	<i>Correio Paulistano</i>	Quatro irmãs, Louisa May Alcott; A casa de Rolthschild, Lewis Allen Browne. <i>Folhetim Cinematográfico</i>	dias alternados
1935	<i>Correio Paulistano</i>	Sete mezes de aventuras em caminho do Polo, Jean Allocherie; <i>Reportagem com fotos legendas.</i>	diária
1936	<i>Correio Paulistano</i>	A escravidão de Abyssinia no passado e no presente, Emil Ludwing.	diária
1941	<i>Correio Paulistano</i>	O depositário, Germaine Beaumont; Mundo em Trevas, Owen Olives; Fuga da Conchita, Claude Jonquiera; Balões, Gilberto Veiga. Série de <i>Contos de autores nacionais e estrangeiros.</i>	unitária aos domingos
1948	<i>Correio Paulistano</i>	O Corvo, Edgar Allan Poe (tradução Francisco Versaci).	diária
1920	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Ivanhoe, Walter Scott	diária
1921-23	<i>O Estado de S. Paulo</i>	As duas rivaes, Xavier Montépin (versão portuguesa de Julio de Magalhães).	diária
1923	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Vae Victis, Annie Vivanti (tradução S.M. Cajado).	diária
1923-25	<i>O Estado de S. Paulo</i>	O amor fatal, Julian Castellanos (versão portuguesa de Julio de Magalhães).	diária
1925-27	<i>O Estado de S. Paulo</i>	A Tosca, Antonio Contreras (inspirado no drama de Victorien Sardou).	diária
1928	<i>O Estado de S. Paulo</i>	O Czar não morreu, Alessandro De Stefanie	diária
1929-31	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Os sete pecados mortaes, Eugenio Sue	diária
1930	<i>O Estado de S. Paulo</i>	A Amazônia que eu vi, Gastão Crues	diária
1931-37	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Os dois garotos, Pierre Decourcelle (tradução Luiz da Silva)	diária.
1936	<i>O Estado de S. Paulo</i>	A sombra de Julio Frank, Affonso Schmidt	semanal
1940-41	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Madame Sans-Gêne, E. Lepelletier	diária
1942	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Cinco Máscaras do Amor, André Maurois	semanal (às sextas-feiras)
1943	<i>O Estado de S. Paulo</i>	Homens do momento, S. Harcourt-Rivington	semanal (às sextas-feiras)
1943-44	<i>O Estado de S. Paulo</i>	A mulher do realejo, Xavier de Montepin	diária
1920	<i>A Gazeta</i>	Filho do Mosqueteiro, Henryk Sienkiewicz	diária
1921	<i>A Gazeta</i>	A filha do condenado, Dennery	diária
1923	<i>A Gazeta</i>	A sugadora de sangue, Ponson Du Terrail	diária
1925	<i>A Gazeta</i>	Os mistérios do Palais Royal, Xavier de Montépin	diária
1927	<i>A Gazeta</i>	Os antros de Paris, Xavier de Montépin	diária
1927	<i>A Gazeta</i>	Na bocca do lobo, Maurice Level	diária
1927	<i>A Gazeta</i>	A bella judia, Ponson du Terrail (tradução Moares Leal)	diária
1928	<i>A Gazeta</i>	A grande cadichonne, Ponson du Terrail (tradução Moares Leal)	diária
1929	<i>A Gazeta</i>	Fleur de mai, Ponson du Terrail (tradução Moares Leal)	diária
1929	<i>A Gazeta</i>	Os mistérios de Paris, Eugenio Sue	diária
1931	<i>A Gazeta</i>	A mulher do realejo, Xavier Montépin	diária



1934	<i>A Gazeta</i>	O homem prodigioso, H. de Volta	semanal (às terças-feiras)
1934	<i>A Gazeta</i>	O casse-tetê Malaio, H. van Offel	semanal (às terças-feiras)
1944	<i>Folha da Noite</i>	O último do Morungabas, Galeão Coutinho (sob o pseudônimo de João Sem Terra).	diária
1933	<i>Folha da Manhã</i>	Caninos Brancos (White Fang), Jack London (tradução Monteiro Lobato).	diária
1933?	<i>Folha da Manhã</i>	A menina de Kergant, Octavio Feuillet	diária
1933?	<i>Folha da Manhã</i>	Fromont Junior & Risler Sênior, Affonso Daudet	diária
1940	<i>Folha da Manhã</i>	Visitas, França Junior	unitária
1940	<i>Folha da Manhã</i>	Casamentos, França Junior	unitária
1945	<i>Folha da Manhã</i>	Amor e ambição, Taylor Caldwell	diária
1948	<i>Diário de S. Paulo</i>	Núpcias de Fogo, Nelson Rodrigues (pseudônimo Suzana Flag)	diária
1957	<i>Última Hora</i>	Mirita e o ladrão, de Afonso Schmidt (ilustrações Edgard Koetz)	diária
1958	<i>Última Hora</i>	Nuvens que passam..., Dulce Santucci, (adaptada por Calazans de Campos).	diária
1958-59	<i>Última Hora</i>	O doutor Jivago, Boris Pasternak tradução Oscar Mendes e Milton Amado;(ilustrações Edgard Koetz)	diária
1961-62	<i>Última Hora</i>	Entre sem bater, Marcos Rey (pseudônimo de Edmundo Nonato).	diária
1964	<i>Última Hora</i>	Homicídio em Hollywood, Steve Philips	diária
1964	<i>Última Hora</i>	O doutor foi assassinado, de Miriam S. Allen	diária
1964	<i>Última Hora</i>	O caso do perna de pau, de Carl G. Hodges	diária

Entre 1920 e 1964 verifica-se nos jornais paulistanos - *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *A Gazeta*, *Folha da Noite*, *Folha da Manhã*, *Diário de S. Paulo* e *Última Hora* – a presença de 48 romances-folhetins. Dos veículos selecionados para este estudo, dois não publicaram este gênero literário em suas edições: *Folha da Tarde* e *Diário Popular*.

Os romances-folhetins em poucas ocasiões apareciam na capa dos jornais – diferente daqueles publicados no século XIX, que ganhavam grande destaque na primeira página dos periódicos brasileiros – os capítulos de romances eram editados, em geral, no pé das páginas internas, alguns estiveram localizados em páginas fixas. Em alguns jornais a cada edição publicavam-se quatro páginas do folhetim. A periodicidade da publicação das parcelas de romances nos jornais paulistanos (1920-1964) era, em sua maioria, diária.

A diagramação utilizada pelos jornais paulistanos para a publicação dos romances-folhetins era diferenciada, buscava identificação com uma página de livro. Ou seja, páginas emolduradas por linhas pontilhadas, induzindo ao recorte, dobragem e encadernação como livro e número de páginas. Alguns jornais paulistanos ao publicarem folhetins inseriam ilustrações, como por exemplo, “A mocidade do Rei



Henrique”, de Ponson Du Terrail, publicado em 1930, no *Correio Paulistano* e “Núpcias de Fogo” de Nelson Rodrigues, em 1948, no *Última Hora*.

O jornal *A Gazeta* ao publicar dois folhetins – “O homem prodigioso”, de H. de Volta, em 1934, e “O casse-tête Malaio”, em 1934, de Horace van Offel – o fez em folhas avulsas (em forma de fascículos), cuja diagramação introduzia ao recorte para encadernação em formato de livro<sup>9</sup>.

Na década 1920, na imprensa paulistana, encontramos a publicação de folhetins diários com grande frequência, muitos jornais inseriram em suas páginas títulos de autores consagrados no gênero ininterruptamente. Os diários que mais divulgaram romances-folhetins em suas edições foram: o *Correio Paulistano* sempre de autores estrangeiros, com vários títulos de Jules Mary, Ponson Du Terrail e Alexandre Dumas; *O Estado de S. Paulo* publicou títulos de autores nacionais e estrangeiros, com predominância para o segundo, foram eles: Walter Scott, Xavier de Montépin, Annie Vivanti, Julian Castellanos, Victorien Sardou, Alessandro De Stefanie, Eugenio Sue, Afonso Schmidt e Gastão Crues; e *A Gazeta* traduções de: Henryk Sienkiewicz, Dennery, Ponson Du Terrail, Xavier de Montépin, Maurice Level, Ponson Du Terrail e Eugenio Sue.

A partir da década de 1930, no que diz respeito à publicação de folhetins na imprensa paulistana, verificamos três peculiaridades: a primeira foi a redução do número de folhetins nos jornais *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo* e *A Gazeta*. A não publicação deste gênero literário no *Correio Paulistano* foi em razão da suspensão de suas edições entre 1930 e 1934. Já no caso de *O Estado de S. Paulo*, esta mudança pode ter ocorrido por causa perseguição que este jornal sofreu desde 1937 pelo Estado Novo, chegando a ser interdito entre 1940 e 1945.

A segunda peculiaridade foi o aparecimento de folhetins em jornais que anteriormente não publicavam este gênero literário em suas páginas: *Folha da Manhã*, *Folha da Noite* e *Diário de S. Paulo*; a terceira, foi a publicação, no *Correio Paulistano*, de outros textos em fatias seriadas: de um romance cinematográfico, de uma reportagem e de vários contos (na década de 1940).

Nota-se que, no caso do *Correio Paulistano*, o uso do nome folhetim foi utilizado não somente para indicar um gênero literário, mas também para a publicação

---

<sup>9</sup> Muitos leitores tinham o hábito de reunir os fascículos de romances-folhetins e encaderná-los no formato de livro.



de outros textos com edições diárias, semanais ou unitárias inseridos no rodapé da página do jornal.

O final da década de 1940 marca, pela leitura das edições dos jornais paulistanos, o fim da publicação do romance-folhetim nos jornais *Correio Paulistano*, *O Estado de S. Paulo*, *A Gazeta*, *Folha da Noite*, *Folha da Manhã* e *Diário de S. Paulo*.

Apenas o jornal *Última Hora* edição paulista, lançado em 1952, publicou folhetins nas décadas de 1950 e 1960. O primeiro deles foi “Mirita e o ladrão” de Afonso Schmidt, publicado em 1957; depois, em 1958 publicou “Nuvens que passam...” novela original de Dulce Santucci (adaptada por Calazans de Campos); entre 1958 e 1959, publicou “O doutor Jivago” do escritor russo Boris Pasternak; em 1961, “Entre sem bater” de Marcos Rey e finalmente, em 1964 com a publicação de: “Homicídio em Hollywood” de Steve Philips, “O doutor foi assassinado” de Miriam S. Allen e “O caso do perna de pau” de Carl G. Hodges.

Em 15 de abril de 1951, Nelson Werneck Sodré, que assinava a seção “Vida Literária” – da página “Pensamento e Arte” do *Correio Paulistano* –, escreveu sobre o declínio do folhetim nos jornais brasileiros:

Não foram apenas os nossos avós, mas os nossos pais, que se deliciaram com a leitura dos folhetins. Não houve jornal antigo que os dispensasse. [...] O folhetim impresso, mesmo destacado em volantes, está em decadência. Nesse plano, foi substituído pela história em quadrinhos e já temos muitas publicações especiais para cada classe de leitores, não sendo das menores aquela constituída pela gente frustra, que busca evadir-se da realidade nas novelas folhetinescas reduzidas a quadrinhos mal desenhados.

Da análise dos títulos de folhetins publicados, entre 1920 e 1964, nos jornais de São Paulo, percebemos uma grande predominância de traduções. O escritor brasileiro, que mais publicou romances-folhetins, no período por nós analisado, foi Afonso Schmidt, com três trabalhos, sendo dois no jornal *O Estado de S. Paulo* e um no *Última Hora*. Mais cinco autores nacionais publicaram folhetins em jornais paulistanos, destes, três utilizaram pseudônimos, foram eles: França Junior (na *Folha da Manhã*), Gastão Crues (em *O Estado de S. Paulo*), Galeão Coutinho (com o pseudônimo de João Sem Terra, na *Folha da Noite*), Nelson Gonçalves (com o pseudônimo de Suzana Flag, no *Diário de S. Paulo*) e Edmundo Donato (com o pseudônimo de Marcos Rey, no *Última Hora*).



Por fim, ao analisar o conjunto de romances-folhetins publicados na imprensa paulistana, no período de 1920 a 1964, percebemos que estes apresentavam uma nova função se comparado àqueles publicados no século XIX. Isto porque, muitos folhetins publicados no século XX, foram posteriormente editados em livro em datas muito próximas por editoras brasileiras. Neste sentido, este gênero literário não era usado apenas para atrair maior parcela de leitores fazendo aumentar o lucro dos jornais, mas também, um recurso para aumentar a vendagem de obras que seriam editadas pelo mercado editorial brasileiro.

Entre os títulos editados em livros citamos: o folhetim “Caninos Brancos”, de Jack London, publicado na *Folha da Manhã*, em 1933, e editado em livro, neste mesmo ano, pela Editora Companhia Nacional, na coleção Terramarear. Outro exemplo de edição de um folhetim em livro por esta mesma editora foi “O casse-tête Malaio”, de Horace van Offel – publicado n’ *A Gazeta*, em 1934, e em livro, em 1935.

Publicações de folhetins de autores nacionais também foram posteriormente editadas em livro, como o “O último dos Morungabas”, de Galeão Coutinho, publicado em folhetim na *Folha da Noite* (sob o pseudônimo de João Sem Terra) e em livro pela Editora Assunção Ltda, ambos em 1944.

### **Algumas considerações:**

A leitura sistemática de algumas edições dos jornais selecionados para este estudo revelou que a publicação de romances-folhetins seguiu em parte do século XX. Mas esta não era uma prática comum apenas em jornais paulistanos, fatias de romances seriados também podiam ser lidas em jornais cariocas e de outras regiões do país.

No princípio da década de 1920, quando um novo perfil de imprensa começava a desenhar-se (baseadas em moldes capitalistas), verifica-se que o romance-folhetim era a principal manifestação literária nos jornais, dividindo espaço com o noticiário factual e crônicas políticas. Foi assim, até o momento em que começam a aparecer os primeiros rodapés de crítica literária e os primeiros suplementos literários, fazendo aumentar o espaço dedicado ao tema literário.

Da análise quantitativa dos títulos publicados na imprensa paulistana, entre 1920 e 1964, percebemos que, durante as décadas de 1920 e 1930, a maioria dos jornais paulistanos publicava ou havia publicado folhetins. Embora tenha havido a publicação de romances-folhetins de autores nacionais, a maioria dos jornais apostava em autores



estrangeiros, consagrados neste gênero literário, como Ponson Du Terrail, Alexandre Dumas, Xavier de Montépin, Stefanie e Eugenio Sue.

E foi no final da década de 1940, que muitos jornais diminuíram ou deixaram definitivamente de incluir folhetins em suas edições diárias. Apenas, *Última Hora*, dos jornais analisados, publicou folhetins nas décadas de 1950 e 1960.

Ao passo que o folhetim ia perdendo espaço no conteúdo diários dos jornais, outro gênero crescia alcançando grande êxito nas décadas de 1940 e 1950. No quarto inferior da página, o rodapé crítico, assinado por diversos literatos, bacharéis e críticos autodidatas, críticos universitários, passou a ocupar o lugar deste gênero literário nas páginas dos diários paulistanos.

Por fim, faz-se necessário ressaltar a proximidade que o romance-folhetim apresenta, neste período da imprensa paulistana, com o mercado editorial. Muitos jornais ao publicar este gênero literário atuavam como pré-orientadores ou pré-codificadores do ato de leitura dos livros editados a partir de romances-folhetins. Isto porque, como já visto, era comum, nos veículos analisados, a edição em livro dos folhetins publicados anteriormente em parcelas diárias nos jornais.

### **Referências Bibliográficas:**

ARNT, Héris. **A influência da literatura no jornalismo: o folhetim e a crônica.** Rio de Janeiro: E-papers, 2001.

MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história.** São Paulo: Cia das Letras, 1996.

NUNES, Mônica de Fátima Rodrigues. **Paulicéia literária: páginas e suplementos literários em jornais paulistanos (1920-1964).** 2007. Tese (doutorado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de S. Paulo, São Bernardo do Campo/SP.

PAIXÃO, Fernando. **Momentos do livro no Brasil.** São Paulo: Editora Ática, 1995.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

TINHORÃO, José Ramos. **Os romances em folhetins no Brasil: 1830 à atualidade.** São Paulo: Duas Cidades, 1994.